

Fundação C^oa Parque



ATNatureza



À descoberta do Património Natural e Arqueológico do Vale do C^oa

Visita conjunta Faia Brava (Trilho dos Biólogos)

+

Parque Arqueológico (Penascosa) + Museu do C^oa

Resultado de uma feliz cooperação entre a **Fundação C^oa Parque** e **ATNatureza** surgiu um programa de visita de um dia para uma verdadeira imersão no Património Natural e Arqueológico do Vale do C^oa.

Um dia em cheio que permite saber mais sobre a natureza selvagem da Reserva da Faia Brava, “vestir” a pele dos caçadores do paleolítico na busca de manadas selvagens e apreciar as gravuras do maior Museu ao ar livre.

PROGRAMA

Manhã – Visita à Reserva da Faia Brava

Ponto de Encontro: Junto à Igreja de Vale de Afonsinho

Hora: A combinar

O Programa tem início de manhã com uma caminhada guiada de aproximadamente 2,5Km pelo Trilho dos Biólogos na parte Sul da Reserva da Faia Brava, a primeira e única Área Protegida Privada de Portugal. São aproximadamente 1000 hectares dedicados à conservação da natureza selvagem onde as grandes Águias (Águia-real e Águia-de-bonelli) e os Abutres (Abutre-do-Egipto e Grifo) dominam as escarpas rochosas localmente conhecidas por “faias”. O miradouro da Milhoteira é um dos pontos altos da visita onde é possível alcançar a escarpa da “Faia Brava” que dá o nome à Reserva e é um ponto estratégico para observar as grandes aves que dominam os céus e admirar o C^oa selvagem em todo o seu esplendor. No decorrer da visita será possível observar as manadas de cavalos garranos e vacas maronesas que percorrem a Reserva livremente e desta forma recuar ao Paleolítico Superior e “imaginar” um grupo de caçadores avistando o seu alvo. As representações de cavalos selvagens ou de Auroques (touro primitivo) são os elementos mais gravados nos núcleos de arte rupestre do Vale do C^oa afirmando a sua importância/admiração e o respeito pela vida selvagem.

A visita permite desfrutar da Natureza Selvagem do Vale do C^oa, conhecer algumas espécies selvagens importantes da Reserva da Faia Brava e “sentir” a sensação de ser um caçador paleolítico e admirar as manadas de cavalos e vacas “selvagens”, sem dúvida um bom princípio para sentir de perto o Vale do C^oa e conhecer o património natural e Arqueológico.

Tarde - Visita ao núcleo de arte Rupestre da Penascosa

Ponto de Encontro: Castelo Melhor

Hora: A combinar

O sítio da **Penascosa** encontra-se numa grande praia fluvial na margem direita do rio Côa, no concelho de Vila Nova de Foz Côa, em terrenos das freguesias de Castelo Melhor e Almendra. A visita inicia-se no Centro de Recepção de Castelo Melhor. Segue-se numa viatura todo-o-terreno, com um guia do Museu do Côa, por uma estrada de terra por entre os campos plantados com amendoeiras e oliveiras, ao longo de cerca de 6 kms.

No percurso entre a aldeia e o rio podemos ver, da margem oposta, a Quinta de Ervamoira (Ramos Pinto), famosa pelos seus vinhos e pela amplitude dos seus vinhedos, e que tem um Museu de Sítio. Pouco depois chega-se a uma praia fluvial na margem direita do Côa, numa zona de vale aberto, onde o rio ainda corre no seu curso natural. Desde o estacionamento da viatura até à última rocha visitada são cerca de 300 metros a pé, por uma zona larga e plana que não oferece dificuldades, apenas sendo necessário ascender por escadaria de pedra às duas últimas rochas.

Para finalizar o programa os visitantes irão realizar uma visita livre ao **Museu do Côa**

O Museu foi projectado por Camilo Rebelo e Tiago Pimentel, uma equipe de arquitectos do Porto. Construído a partir de Janeiro de 2007 foi inaugurado em 30 de Julho de 2010. A concepção do edifício parte da ideia de que “a arte paleolítica no Vale do Côa é talvez a primeira manifestação de ‘Land art’”.

Embora seja um dos maiores museus portugueses, assenta graciosamente, com parte do seu volume como que engastado no topo da colina que, na sua margem esquerda, encima a foz do Côa, celebrando o encontro dos dois patrimónios mundiais da região: a Arte Pré-histórica do Vale do Côa e a Paisagem Vinhateira do Douro.

Se de longe o edifício se assemelha a um enorme afloramento irrompendo do solo, uma inspecção mais próxima reforça essa percepção, uma vez que no betão foram utilizados pigmentos minerais tendo a fachada sido objecto de tratamento superficial imitando as irregularidades naturais do xisto, a rocha predominante na região. Segundo a memória descritiva constante do anteprojecto de Julho de 2005, o “pressuposto Único” do Museu é a sua perfeita “integração na paisagem, convertendo-se o seu corpo, se bem que em “gesto forte e afirmativo”, numa marca “subtil, sensível à topografia, pouco modificando o perfil do monte e dialogante com a paisagem.

Nota: A realização destas visitas, deverá decorrer num prazo máximo de 48 horas.